

Calvino em JornadaS



Calvino em JornadaS

Bruna Ferraz
Juan Silveira
Maria Fernanda Moreira
Marília Matos
Tereza Virgínia Barbosa
(Orgs.)



© Relicário Edições
© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

C168

Calvino em Jornadas / Organizadores Bruna Ferraz... [et al.]. –

Belo Horizonte: Relicário, 2015.

148 p. : 15,5 x 22,5 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-66786-12-5

1. Calvino, Italo, 1923-1985 – Crítica e interpretação. I. Ferraz, Bruna. II. Silveira, Juan. III. Moreira, Maria Fernanda. IV. Mattos, Marília. V. Barbosa, Tereza Virginia. VI. Título.

CDD-854

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

CAPA: Cláudio Silvano

REVISÃO Bruna Ferraz, Juan Silveira e Maria Fernanda Moreira

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Veras (UNICAMP)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (UNIVERSITÄT HAMBURG)

Patrícia Lavelle (EHESP/PARIS)

Pedro Sussekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virgínia Figueiredo (UFMG)

Davidson de Oliveira Diniz (UFRJ)

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

Prefácio 7

Calvino & sua biblioteca

O esquilo da pena e o homem-livro, seu clássico:
um caso de pantufas desparelhadas

Ana Maria Chiarini 11

Por filamentos de ternura e riso:
o herói João-ninguém de Italo Calvino

Claudia Maia 21

Clássicos do individualismo moderno:
Italo Calvino escreve a respeito de Robinson Crusó

Odalice de Castro Silva 31

A erudição do espectador:
Calvino e seus clássicos cinematográficos

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad 45

Calvino & os saberes

Italo Calvino e Giorgio Agamben:
projetos de revistas e seus desdobramentos

Bruna Fontes Ferraz 57

As palavras e seus sentidos em Calvino

Georg Otte 69

Corpos prenes de incerteza:
literatura e saber trágico em Italo Calvino

Luiz Lopes 79

As intrínsecas relações entre realidade e fantasia
na obra de Italo Calvino

Marília Matos 89

Calvino & o contemporâneo

Modos de ler os clássicos na modernidade: a propósito de Borges,
Calvino e a temporalização literária do romantismo teórico

Davidson de Oliveira Diniz 99

Calvino e o Klássico (com K), do Mayombe Grupo de Teatro

Flávia Almeida Vieira Resende 115

Entre o real e o ficcional:
o cavaleiro inexistente como alegoria do sujeito moderno

Juliana Zanetti de Paiva 125

A fortuna de Calvino na imprensa paulistana:

os excessos de uma sintonia

Lucia Wataghin 139

PREFÁCIO

Na página aberta de uma entrevista, lemos o relato de Calvino sobre o estabelecimento do arcabouço estrutural de algum livro seu, e logo nos vem à mente a imagem do homem acordando contínuas noites para preencher folhas e folhas, separando-as em seções, pastas, cadernos. A imagem que segue é de uma prensa imprimindo algo desse material, já organizado em capítulos e subcapítulos de uma escrita extremamente elaborada. Mas o pesado labor do homem que desejava tornar-se uma pena logo se contrapõe à clássica classificação do autor como um esquilo, ágil em seus movimentos, leve em suas idas e vindas.

Outra página de outro livro nos faz prosseguir esta sutil imagem, e agora é Perseu alado que enfrenta a petrificação da (moderna) realidade. Virando páginas e páginas, a imagem do magma de todas as coisas torna-se as vigas e contrapesos de Tolstói, o tapete de Flaubert, a alcachofra de Gadda... A cidade teia-de-aranha sustenta um castelo de cartas, que explode na risada de um escritor em crise na Via Veneto. Cada página, frase e esquema desse mestre italiano nos evoca a reflexão de nosso tempo. Isso, insistentemente, por imagens de uma limpidez marcante. Mas a superfície límpida, transparente, torna-se espelho, cristal multifacetado, e eis-nos novamente sem saber que imagem melhor expressaria Italo Calvino e sua escrita.

Homem múltiplo como Odisseu, desejou ser Mercúcio, pela suave evocação deste à rainha dos sonhos e por sua sabedoria em um mundo de brutalidade. Fiquemos com essa escolha, e consideremos que escrever literatura e sobre literatura e sobre os clássicos em 1981 representa, como as demais escolhas estilísticas de Calvino, uma busca por leveza e pelo sonho.

Ao empreendermos uma jornada – a Jornada Calvino e Seus Clássicos – de ensaios, comunicações e palestras sobre o autor, desejamos, em 2014, dar continuidade à necessidade, desde que os clássicos (sejam eles quais e o que forem) vêm ao mundo, de falar sobre os clássicos. Esta publicação continua nosso diálogo com estes e Calvino, interagindo ele, como lhe é próprio, com várias literaturas, obras cinematográficas e teatrais, filosofia, crítica...

Dois horizontes nortearam o livro *Calvino em jornadaS*. O primeiro foi um interesse que por vezes nos encaminhou mais pelas referidas questões-preocupações de Calvino do que pelo próprio escritor. Este lia com certa naturalidade (derivada de um empenho aparentemente incansável e rigoroso) o mundo como um conjunto de símbolos igualmente relevantes para compreender o entorno: lia folhas de árvore e de Cervantes, um ícone canino de Charles Schulz e a artificialização da natureza. Por essa luz, guiamo-nos a ler nosso passado e nosso presente de salas de cinema, teatro e estantes abarrotadas de livros; a urbanidade por vezes pavorosa, por outras terna, de muitas metrópoles; o pensamento que nasce dos diálogos mundanos entre “Calvino & sua biblioteca”.

Essa compreensão cruza-se à de nosso segundo farol: o clássico como um conceito amparado não apenas na “legitimação” ou na “antiguidade”. O clássico como um livro (ou DVD) em nossa estante apenas, construído de valor produzido não só por sua pátina de tempo ou por uma nuvem crítica. O clássico como uma obra que nos atinge, a qual tornamos um equivalente do universo ou que contrasta com o rumor exterior, sendo ela o próprio rumor emergente no presente, de onde podemos falar, sem hábito de poeira, de “Calvino & o contemporâneo”. Assim, as jornadas aqui escritas compreendem o clássico em amplitude, em sua variedade.

Cada escrita que apresentamos ao Leitor é para nós uma jornada, um laborioso esforço de leitura de Calvino; um percurso diário para perfazer um trajeto desejado; mas também uma divisão festiva, um ato de folguedo ou de drama clássico. *Calvino em jornadaS* é uma jornada de vários textos, de vários dias; um esforço noturno continuado de retirar das pastas os papéis, de embaralhá-los, de reordená-los sabendo que as seções serão apenas diálogos, colisões, acúmulos efêmeros a que, no desejo de entendimento, chamamos “saberes”. Que neles se pesem as relações, mais que as construções, cavadas – aqui – no exame de encontros marcados ou não entre “Calvino & os saberes”.

Ainda: nossas Jornadas são uma metafórica odisseia de narrativas que buscam a impossível retomada do lar perdido. Em um mundo paradoxal e múltiplo, por mais um dia, Leitor, falemos de nossos clássicos, guiados por Italo Calvino, clássico de nossos tempos, “que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Juan Silveira